

III III I
marionet

EGO

uma peça de Carl Djerassi



Estaleiro Teatral

1 e 2 de Maio, 2015

Djerassi, Freud e Pessoa

Carl Djerassi, químico austríaco, búlgaro e norte-americano, é famoso por ter sido um dos responsáveis pela invenção da pílula contraceptiva feminina, que declaradamente constituiu uma influência transformadora na sociedade ocidental nas últimas cinco décadas.

A influência de Djerassi na marionet foi, no entanto, mais dramática. Nas últimas três décadas, o cientista dedicou-se a construir uma profícua carreira literária, inclusive no campo teatral, onde em grande parte reflecte sobre o meio científico, tendo procurado definir um novo género dramático: o “science-in-theatre”.

Foi precisamente uma das suas peças deste modelo literário de aproximação entre ciência e teatro, *Cálculo*, que a marionet produziu e apresentou em Coimbra em Novembro de 2011, à qual Djerassi teve oportunidade de assistir.

O nosso contacto com o químico-escritor não cessou desde então, e evoluiu para a possibilidade de montagem em Portugal da peça que constituiu até à data o seu maior sucesso comercial, *Ego*, tendo sido já produzida em diversos países.

Carl Djerassi fazia uma enorme questão que esta sua peça fosse apresentada em português em virtude de ter Fernando Pessoa como uma das suas referências fundamentais, e por isso comissionou à marionet a produção da peça em Portugal. A centralidade da presença do poeta português na peça, sobretudo através das suas construções heteronímicas, tornam esta estreia portuguesa ainda mais oportuna no ano em que se comemoram os 100 anos da revista *Orpheu*.

Fomos acertando questões sobre a versão portuguesa da peça praticamente até à data do seu falecimento, a 30 de Janeiro de 2015, e a sua vontade expressa foi a de que a sua produção seguisse em frente mesmo quando já não se encontrasse entre nós. A confiança depositada por Carl Djerassi no nosso trabalho é, para nós, motivo de enorme orgulho. Sentimos, no entanto, uma profunda tristeza por não podermos continuar o diálogo com o cientista e escritor em torno do mar de questões que nos foram surgindo durante o período de preparação da peça e, sobretudo, de não o termos na estreia a recolher os merecidos aplausos pelo seu talento.

Sobre a peça, Carl Djerassi afirmou que continha muito material autobiográfico, encontrando-se essas referências, no entanto, distribuídas pelas três personagens e sem uma chave para uma associação directa ao autor. É possível, todavia, para o leitor ou espectador atento, intuir aqui e ali uma ou outra semelhança com a vida e o carácter do cientista-escritor, em particular na personagem de Stephen Marx, o escritor de sucesso obcecado pela crítica ao seu trabalho.

Ego é uma comédia com um fino humor, recheada de ironia e de referências culinárias, literárias e freudianas, e constitui um belíssimo espécime da escrita cosmopolita e culturalmente sofisticada de Carl Djerassi.

O enredo poder-se-ia descrever como uma batalha de egos, ids e superegos no espaço exíguo do divã de um psicoterapeuta. Stephen Marx, um escritor consagrado, autor de sucessivos best-sellers, forja o seu próprio suicídio com o objectivo de ler os obituários e ficar a conhecer a verdadeira opinião de críticos e ensaístas sobre a sua obra. Pretende também, inspirado pelas criações heteronímicas de Fernando Pessoa, construir e encarnar uma nova personalidade literária, para testar os limites daquilo que chama de “insegurança produtiva”, a obsessão com a opinião de terceiros.

A necessidade de manter uma ligação à sua vida anterior para ter pelo menos um espectador para a sua empolgante transformação leva-o, no entanto, a revelar o estratagema ao seu psicólogo, confiante na obrigação de confidencialidade profissional por parte deste último.

Mas a sua extraordinária criação é colocada à prova pela entrada em cena da esposa, supostamente viúva, que constitui uma forte raiz capaz de o prender à vida anterior da qual se pretende libertar.

Conseguirá ele renascer como outro?

A primeira encenação da peça ocorreu em 2003 no “fringe” do Festival de Edimburgo. Desde então foi apresentada em Londres, em duas cidades austríacas, fez uma longa digressão pela Alemanha, em Nova Iorque, Jerusalém, São Francisco, e tem agora, em Abril de 2015, a sua estreia portuguesa em Coimbra.

Ficha Artística e Técnica

Texto: Carl Djerassi;

Discussão e ideias: Filipe Eusébio, Joana Macias, Mafalda Oliveira, Marcelo dos Reis, Mário Montenegro, Pedro Andrade, Teresa Girão;

Encenação e tradução: Mário Montenegro;

Interpretação: Filipe Eusébio, Joana Macias, Mário Montenegro;

Espaço cenográfico, figurinos, adereços e imagem: Pedro Andrade;

Banda sonora original: Marcelo dos Reis;

Iluminação e direcção técnica: Mafalda Oliveira;

Fotografia de cena: Francisca Moreira;

Penteados: Carlos Gago – Ilídio Design;

Produção executiva: Teresa Girão.

Uma produção marionet 2015.

A produção portuguesa de Ego é financiada por Dale Djerassi, herdeiro de Carl Djerassi.

Marionet financiada por: Câmara Municipal de Coimbra

Apoios: Fundação Bissaya Barreto; Ilídio Design Cabeleireiros; MAFIA – Federação Cultural de Coimbra; TCSB – Teatro da Cerca de São Bernardo

Apoios à divulgação: Rádio Universidade de Coimbra; Dolce Vita Coimbra

Agradecimentos: A Escola da Noite; António Apolinário Lourenço; Arq. Alberto Montoya; CITEC – Centro de Iniciação Teatral Esther de Carvalho; Condomínio Criativo de Coimbra; Cooperativa Agrícola do Távora CRL; Efémoro – Companhia de Teatro de Aveiro; José Luis Pio Abreu; Júlio Cardoso; Manuel João Monte.

Being Fernando Pessoa

A importância de Fernando Pessoa como referência cultural de repercussão planetária é cada vez mais uma evidência. Poetas, romancistas, dramaturgos, psicólogos, cineastas, músicos, filósofos, atores, historiadores da cultura, que o estudam, o dissecam, o divulgam, o imitam e o cantam, fizeram do poeta português um ícone da Modernidade. Com a peça intitulada *Ego ou Três na marquesa*, o escritor e cientista Carl Djerassi junta o seu nome a uma galeria de ilustres criadores de cultura em que se inscrevem igualmente Tabucchi, Deleuze, Octavio Paz, Saramago, Torrente Ballester, Jô Soares, Maria Bethânia ou Alain Tanner.

Os três principais eixos temáticos desta obra dramática de Djerassi — a preocupação com o julgamento póstumo do valor da obra, a fragmentação do sujeito, o suicídio ritualizado — têm uma relação muito direta com a obra de Fernando Pessoa. Mais do que isso, *Ego* constitui uma homenagem explícita ao criador dos heterónimos, que habitou pacatamente a provinciana Lisboa do início do século passado. No ano em que se comemora o centenário do Orpheu, faz todo o sentido revelar ao público português a tormentosa desordem emocional e intelectual de uma personagem, Stephen Marx, que “quer ser mais Pessoa do que o próprio Pessoa”.

“Je suis Charlie”. Esta expressão brotou espontaneamente de milhões de pessoas quando do atentado ao Charlie Hebdo. Revelavam compaixão. Mas revelavam também a faculdade mais notável do ser humano: colocar-se no lugar dos outros ou ser, literalmente, o outro. Existem hoje milhares de estudos e controvérsias científicas sobre essa capacidade, mas é ela que define a humanidade. É também ela que nos permite observar o mundo objectivamente ou, melhor, inter-subjectivamente. Vemos as coisas da nossa perspectiva e da perspectiva dos outros, que podem ser reais ou imaginados. No entanto, para uma vida saudável, é preciso voltar ao nosso lugar.

Alguns actores sabem quanto é difícil libertarem-se das personagens que representam. Neste caso, eles podem alterar a sua identidade, que é a noção de que, apesar da diferença, eles são os mesmos que eram antes. Há pessoas que assumem temporariamente identidades diferentes. Em cada uma mudam de aspecto, vestuário, nome, hábitos, recordações e competências. São as chamadas personalidades múltiplas. Tanto estas como as despersonalizações e outros estados dissociativos são patologias da identidade. Mas na identidade (familiar, linguística, nacional, religiosa, ideológica) estão também representados os nossos próximos, aqueles com quem partilhamos alguma coisa e em cujo lugar nos podemos colocar. Nas guerras e nos campeonatos de futebol, é pela identidade que lutamos e às vezes damos a vida.

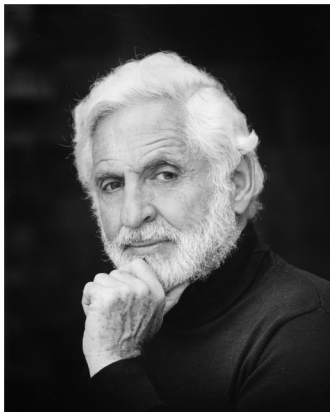
Muito se tem escrito sobre as possíveis patologias de Fernando Pessoa. Mas ele apenas explorou literariamente essa capacidade humana de se transformar nos outros, mantendo-se íntegro apesar de tudo. No teatro, foi Pirandello que levou mais longe o jogo das personalidades. Foi ele que criou Mattia Pascal que, após a notícia da sua suposta morte, tentou renascer numa nova identidade. Mas esta era vazia de contexto, e ele teve de voltar a ser quem era pela simulação de um suicídio. O escritor Stephen Marx, descrito por Carl Djerassi, cansado do sucesso rotineiro, tenta morrer e renascer para escrever livremente com outra identidade. Fá-lo com mestria, mas precisa de um elo que o ligue ao passado. Procura-o no psicoterapeuta. Porém, a ilusão acaba logo ali, traída pelas memórias guardadas por quem ele partilhara tudo e de quem se queria libertar: a mulher.

Djerassi é hoje escritor. Mas a sua identidade está marcada pela descoberta da pílula, quando era cientista de sucesso. Essa marca é pesada e bom seria apagá-la para escrever livremente. Não pode fazê-lo. Foi do seu trabalho como cientista que resultou a grande mudança cultural e de costumes com que, passado meio século, ainda não sabemos lidar. As mulheres ocidentais são hoje dominantes, quer directamente, quer por interpostos homens. A peça também é uma metáfora para este estado de coisas.

Carl Djerassi

Carl Djerassi (www.djerassi.com), escritor, dramaturgo e professor emérito de Química na universidade de Stanford, é um dos raros cientistas americanos que foi galardoado com a *National Medal of Science* (pela primeira síntese de um esteróide contraceptivo oral) e com a *National Medal of Technology*. Membro da *National Academy of Sciences* norte-americana, da *American Academy of Arts and Sciences*, da *Royal Society* (Londres), da *Leopoldina* (Alemanha) assim como de várias outras academias estrangeiras, recebeu 32 doutoramentos *Honoris Causa*, tendo sido também agraciado com numerosos outros títulos honoríficos. Em 2005 foi emitido um selo dos correios austríacos com a sua imagem. Fundou o *Djerassi Resident Artists Program*, perto de Woodside, California, que tem proporcionado residências e estúdios a mais de 2000 artistas nas áreas das artes visuais, literatura, coreografia e música.

A sua obra literária (contos, poemas, cinco romances, nove peças, assim como duas autobiografias e um livro de memórias) foca-se sobretudo em temas relacionados com a ciência. As suas obras de ficção estão traduzidas em vinte línguas. Várias das suas peças foram também radiodifundidas pela *BBC World Service*, a *West German Rundfunk* (*WDR*) e a *NPR* (nos EUA).



Carl Djerassi

Dale Djerassi

At an early age, my father demonstrated great ability as an organic chemist, and by the age of thirty some of his research had resulted in practical applications that had enormous societal impacts.

In his forties and fifties, even as he continued his prolific output as a research scientist in academia and in industry, publishing the results of his work extensively in books and scientific journals, he began to write about social and political issues pertaining to science and policy.

Remarkably, in his sixties, while still actively engaged as a professor of chemistry, conducting research, and receiving great recognition for his work as a chemist, he began to write fiction – first short stories, then novels, and then plays, and even poetry. The bulk of this literary oeuvre addressed the lives and practices of scientists, engaged in real or plausible scientific work, within fictional plots.

My father felt that, as the world became ever more affected by advances in science and technology, it was important to reveal the world of science to a non-scientific public, depicting scientists as normal complex humans, and depicting science, and the social and ethical issues attendant to it, as relevant to all humans.

He closed his research laboratory, and devoted himself entirely to his writing, and teaching, in a genre that he called “science-in-fiction”, not “science fiction”.

Eventually, his writing expanded to include works that were self-reflective beyond just his genre of “science-in-fiction”.

Ego is one of those.

He took great pride in seeing his work published in many languages, and his plays performed in many countries, and, in that regard, he was very happy to see his work translated into Portuguese and his plays performed in Portugal.

Júlio Cardoso

Actor / encenador

... e assim, sinteticamente, falar de gente com a dimensão de um Carl Djerassi, confesso dificuldade enorme e ainda mais de uma pessoa que sempre a imaginámos viver embrenhado e tão-só na pesquisa e aprofundamento na sua especialidade científica.

– Já há muito que as luzes se tinham apagado da representação da obra teatral FALÁCIA, cuja autoria do texto tinha a assinatura de Djerassi, e depois de agradável convívio no hall do teatro, onde a maioria dos participantes já tinham retirado, ficando somente um pequeno núcleo de retardatários, ou porque o prazer de tardios efervescia em pleno ou porque a admiração pela presença de tão importante personalidade a isso os quedava, uma voz solicita-nos para irmos ao palco com o autor para uma foto no tablado vazio. Depois dos disparos da máquina, Carl Djerassi mete-me o braço, puxando-me para junto dos rompimentos e atira-me: – concluí que conheces e gostas de Pirandello!...

E a partir daqui foi uma torrente de saberes teatrais entrelaçados com uma análise crítica e dramaturgica aos dois espectáculos que dirigi com textos da sua autoria – OXIGÊNIO e FALÁCIA. Disse-me coisas que se agora eu levantasse um bocado do véu, inexoravelmente cairia num exercício de mentecaptismo, mas que naquele momento absorvi emocionado e de espanto com boca no peito, o conhecimento profundo de teorias e práticas teatrais deste homem que por momentos me fez esquecer por completo o seu principal ofício.

– Raios partam a vida!... E de um momento para o outro perdi um amigo e ele um seu admirador, não só pela pessoa que se abriu por completo e pelas perspectivas futuras que juntamente poderíamos partilhar mas, fundamentalmente, por tão singular Mestre – Cientista – Teatrólogo.

Manuel João Monte

Professor e investigador de Química, UP

Para Carl Djerassi, a característica mais relevante da sua escrita sobre “ficção em ciência”, por oposição à “ficção científica”, é a forma correta ou, pelo menos, plausível como descreve a ciência e o comportamento dos cientistas. Pretendendo atingir um público abrangente, Djerassi preferia começar as suas obras literárias com uma abordagem sedutora, como quem diz “deixem-me contar-lhes uma história”, e incorporando depois no enredo verdadeira ciência e notas biográficas de cientistas “humanizados” – mostrando as suas fraquezas e virtudes na vida real - em detrimento do preâmbulo clássico “deixem-me falar-lhes sobre a minha ciência”. E é sob a forma de peças de teatro que as histórias são contadas, com humor e suspense bastantes para cativar mesmo aqueles que possam olhar a ciência com alguma relutância.

Ao estilo de Djerassi diria que eu, um químico-armado-em-tradutor de obras de um “químico-feito-dramaturgo”, embarquei por duas vezes na gratificante aventura de traduzir peças de teatro de Carl Djerassi. A primeira foi “Oxigénio” em 2005 (Ed. UP, ISBN 972-8025-42-4) brilhantemente encenada por Júlio Cardoso da companhia Seiva Trupe e estreada a 19 de Janeiro de 2006, no Teatro do Campo Alegre no Porto. Carl Djerassi, que tinha sofrido um acidente com fractura da anca em finais de Dezembro não pode estar presente na estreia da peça. Porém, apesar de contar já 83 anos, a sua tenacidade impeliu-o a deslocar-se ao Porto em Fevereiro, pouco tempo após sair do hospital, para assistir a uma representação da peça, amparado por canadianas. Durante a sua estadia no Porto tive o privilégio de o acompanhar quotidianamente. Confesso que fiquei fascinado pela sua personalidade magnética e pelo seu desprezioso saber sobre os mais variados assuntos. Djerassi era um comunicador nato. Podia conversar-se com ele horas a fio sem sentir a passagem do tempo. Convidou-me nessa altura para a segunda



Carl Djerassi e Manuel João Monte no Porto

aventura, a tradução de “Falácia”, que prometi levar a cabo quando tivesse tempo disponível, o que só aconteceu em 2011 (Ed. UP, ISBN 978-989-8265-54-8). A peça foi estreada a 28 de Outubro desse ano, representada novamente pela Seiva Trupe dirigida por Júlio Cardoso e, desta vez, beneficiando da presença do autor. A representação terminou pouco depois das zero horas do dia 29, data do 88º aniversário de Carl Djerassi, que foi então homenageado com uma grandiosa ovação dos espectadores que enchiam a sala do teatro do Campo Alegre. Devo realçar também que a estreia da peça tinha sido antecedida pela cerimónia de atribuição do grau de Doutor Honoris Causa da Universidade do Porto a Carl Djerassi. É uma enorme honra ter sido o seu padrinho e seu amigo.

Equipa artística e técnica

Filipe Eusébio iniciou a sua actividade teatral no Teatro Amador de Pombal em 1995. Licenciado em História pela FLUC e em Teatro e Educação pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Tem trabalhado como actor, encenador, formador e professor de Expressão Dramática. Passou por diferentes grupos como o TEUC, a Companhia de Teatro Viv Arte, a ESTE – Estação teatral, ou a Marionet, colaborando com nomes como Nuno Pino Custódio, António Mercado, Ricardo Brito, Mário Montenegro e Alexandre Lemos, entre outros.

Francisca Moreira tem formação fotográfica pelo Cenjor. Foi fotógrafa e editora fotográfica do Jornal Univ. De Coimbra entre 2002 e 2005. Fez fotografia de cena para as companhias Prensa, marionet e Camaleão. Colaboradora e editora fotográfica da revista Via Latina. Colaborou com DJ Vibe, Gomo, Bunnyranch, Kubik e Tu Metes Nojo. Colaborações com os jornais Público e Destak, revistas Visão, Blue Travel, 365, Le Cool, e as agências fotográficas AFCD e Atlântico Press. Participação em exposições colectivas e individuais. Júri das duas primeiras maratonas fotográficas FNAC/Coimbra. Foi editora fotográfica da versão impressa do Magazine de Arte de Coimbra e Afins.

Joana Macias estudou interpretação na Academia Contemporânea do Espectáculo do Porto, técnica da máscara com Sandra Mladnovish (Paris), teatro físico na Paolo Grassi (Milão), dança contemporânea com Paulo Ribeiro, Clara Andermatt e Né Barros (Porto/Lisboa), cinema e tv com Taís de Campos e André Cerqueira (Porto), teatro comunitário com Dragen Crag (Coimbra), gestão e produção no Forum Dança (Porto) e Animação socioeducativa na escola Superior de Educação de Coimbra. Profissionalmente tem trabalhado como actriz, assistente de encenação, produtora cultural, formadora e animadora.

Enquanto intérprete trabalhou com São José Lapa, João Paulo Costa, António Feio, Virgílio Castelo, Carlos Filipe Sousa, Mauricio Parom de Castro, Olga Roriz, Rui Fazenda, José Rui Martins, António Fontinha, Deolindo Pessoa, Andreas Poppe, Julieta Aurora Santos, Carlos Curto, Miguel Mendes, Nelson Guerreiro, Jean Pierre Laroche e Susana Vidal. Fez algumas incursões pela TV e pelo cinema de curta metragem com projetos na RTP, RTP internacional e festivais de curtas metragens.

Mafalda Oliveira desenvolve trabalho na área de desenho de luz, sonoplastia e direcção técnica. Criou desenhos de luz que para teatro e dança tendo trabalho com a Marionet, Martim Pedroso, Materiais Diversos, Filipa Francisco, Elsa Aleluia, Tiago Guedes, Encerrado para Obras, Baal_17, Teatro das Beiras, CITAC, Teatro do Morcego, Projecto BUHI. Colaborou também com outros artistas plásticos em instalações/site specific. Na área de direcção técnica trabalhou com diversos festivais/ companhias/ associações/

artistas, entre os quais: Marionet (2014, 2012); Associação Cultural Materiais Diversos (2014/2008); Al-Teatro (2013); Festival Materiais Diversos (2012/2009); RE.AL (2008/2006); Baal_17 (2006/2005); Festival Noites na Nora (2006/2005); Escola de Mulheres (2006); Teatro das Beiras (2004); Carlota Lagido (2004); MAFIA – Associação Cultural de Coimbra, Coimbra (2004/2002); Teatro da Rainha (2003/2002); Francisco Camacho (2002).

Marcelo dos Reis é um guitarrista/compositor/improvisador com formação na área do jazz e música clássica. Inicia a sua actividade em bandas rock, e aos 15 anos já viajava por Portugal fora em concertos. Tem actuado nas mais importantes salas, e festivais na área do jazz do nosso país, e além fronteiras. Dos três discos editados, todos eles são aclamados pela crítica especializada nacional e internacional. Tem trabalhado também com música para teatro e filmes. É actualmente coordenador e docente na Academia de Música do Centro Norton de Matos. Foi vice-presidente do Jazz ao Centro Clube, onde desenvolveu trabalho como produtor de concertos/festivais, editora JACC Records, Portugal Jazz – festival itinerante de jazz e revista jazz.pt. É membro fundador do ciclo de música Double Bill, organiza vários ciclos de concertos, recentemente fundou a editora discográfica CIPSELA.

Mário Montenegro é encenador, actor, dramaturgo, membro fundador e director artístico da marionet desde 2000. Como encenador, dirigiu na marionet vinte e quatro espectáculos onde participou também como actor e foi autor do texto em dezasseis deles. Desenvolve actualmente uma tese de doutoramento em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra na área do teatro de tema científico, e terminou em 2007 o mestrado em texto dramático na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a tese *Teatro de tema científico: o caso particular de Carl Djerassi*. Em 2006 foi editada pela revista *Partilha de Cena* a sua peça *Revolução dos Corpos Celestes*, em 2010, pela marionet, a sua tradução de *Sr. de Chimpanzé* de Júlio Verne, e em 2011 a sua tradução de *Cálculo*, de Carl Djerassi, foi publicada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

Pedro Andrade frequentou a Michaelis School of Fine Arts, Universidade da Cidade do Cabo África do Sul (1972-1976) e o Curso de Gestores de Programação Artística da Culturgest (1998). Apresentou numerosas exposições de pintura, individuais e colectivas. Sócio fundador e membro da direcção da ACAV de 1987 até 2001 (presidente entre 1992/1996).

Artes de palco: colaborou com o GRETUA, a C.T.A. Efémoro, a marionet, a Camaleão e a Companhia de Música Teatral.

Teresa Girão doutorou-se em bioquímica, na Universidade de Coimbra, em 2005 e foi pós-doc no Sunnybrook Health Sciences Centre (Toronto, Canadá) entre 2005 e 2007. Após o regresso a Portugal foi responsável pela criação do Centro de Ciência Júnior

no Biocant – Centro de Inovação em Biotecnologia (Cantanhede). Foi investigadora do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC, Universidade de Coimbra) entre 2009 e 2014, onde foi responsável pelo Gabinete de Comunicação de Ciência.

A colaboração com a Marionet teve início aquando do projecto Cientistas ao Palco para a Noite Europeia dos Investigadores 2009 e foi amplamente reforçada durante a residência artística, desenvolvida pela companhia no CNC, e que Teresa Girão coordenou institucionalmente. Foi também responsável pela coordenação institucional e apoio à produção da peça *MIM – My Inner Mind* levada à cena no CNC pela Marionet. Esta colaboração intensificou-se a partir de Setembro de 2014 quando integrou a equipa da companhia, tendo sido responsável pela produção executiva das peças *Fakelook*, *A Expressão das Emoções* e *Os Lusíadas no Museu da Ciência*.

Marionet

A marionet foi criada em Coimbra no ano 2000.

Catorze anos e vinte e sete produções originais depois, conseguimos apontar algumas características estáveis da nossa identidade: a necessidade constante de experimentação que se reflecte numa grande variedade formal e de conteúdos a cada novo trabalho; a aposta em novos criadores e novas ideias; a criação de novos textos; o forte desenvolvimento de um percurso de interligação entre as artes performativas e a ciência.

A estratégia e improviso inerentes à nossa história tiveram implicações artísticas: a substituição da temporada pelo acontecimento; a criação de espectáculos em espaços não convencionais e com isso a “descoberta” e abertura ao público de espaços tradicionalmente fechados a estes acontecimentos; a exploração da adaptabilidade de uma obra ao contexto em que é usufruída; a dinâmica das equipas artísticas de produção para produção.

Vimos estabelecendo uma relação muito próxima com a ciência nos nossos trabalhos, reflectindo artisticamente tanto sobre temas e conceitos do conhecimento científico como sobre o seu meio social.

Temos vindo a desenvolver um esquema de trabalho específico que valoriza o cruzamento disciplinar, quer entre estas áreas da actividade humana, quer de artistas com antecedentes disciplinares distintos. Este processo tem implicado a colaboração com instituições científicas cujo aconselhamento nos serve como matéria para especulação e desenvolvimento na construção de cada nova peça.

Em 2010 fomos companhia residente no Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, no âmbito do Programa Rede de Residências da DGArtes e Agência Ciência Viva, e essa residência esteve na génese do espectáculo *MIM - My Inner Mind* estreado nas instalações daquela instituição em Novembro de 2012.

Destaca-se também no nosso historial a criação regular de peças com cientistas no papel de co-criadores e actores, na colaboração que estabelecemos, desde 2009, com a Noite Europeia dos Investigadores.

Podem subscrever a nossa newsletter para antever os nossos projectos futuros e conhecer o nosso percurso com maior detalhe em <http://marionet teatro.com> e em <https://www.facebook.com/marionet.teatro/>.

Carl Djerassi e o “science-in-theatre”

Carl Djerassi, nascido em Viena, Áustria, em 1923, emigrou aos 16 anos, com a mãe, para os Estados Unidos da América, para escapar ao regime nazi. Aí se formou e doutorou em Química, tendo, em 1951, feito parte da equipa de investigadores da empresa Syntex que pela primeira vez sintetizou um esteróide contraceptivo oral. É por esta razão frequente encontrar menções a Djerassi como o “pai da pílula”. Essa invenção científica granjeou-lhe fama mundial, e foi responsável, em grande parte, pelos inúmeros prémios e vinte e seis doutoramentos honoris causa que recebeu (o mais recente em Outubro de 2011 pela Universidade do Porto). Em meados dos anos oitenta foi-lhe diagnosticado (e posteriormente curado) um cancro. Segundo afirma, essa terá sido uma das razões para ter começado a escrever. A par da sua actividade científica, Carl Djerassi foi constituindo uma razoável colecção de obras de arte, muitas delas de Paul Klee, que afirma ser o seu pintor favorito. Em 1978, na sequência da morte da sua filha, vendeu uma parte do seu acervo artístico para criar, em sua memória, o *Djerassi Resident Artists Program*, um centro na Califórnia para residências artísticas temporárias que já acolheu mais de 2000 artistas.

Como escritor, publicou livros de contos, de poesia, cinco romances, uma autobiografia, um livro de memórias e nove peças de teatro. A determinada altura criou a designação “science-in-fiction” para definir as suas obras em prosa que abordavam questões e personagens da ciência. Como o próprio afirma, uma sua intenção neste tipo de obras era didáctica, pretendendo transmitir conhecimento científico através da literatura e, desta forma, contribuir para combater a iliteracia científica da generalidade das pessoas. A sua definição para essa “forma literária” é a seguinte:

Para mim, a mais importante característica da “science-in-fiction” (em comparação com a ficção científica) é que toda a ciência e comportamento dos cientistas aí descritos são impecavelmente precisos ou, pelo menos, plausíveis. Por que motivo é isto importante? Eu quero usar a ficção para introduzir clandestinamente factos científicos no consciente de um público cientificamente iletrado – uma actividade pedagógica que considero benéfica social e intelectualmente, pois a maioria das pessoas sem estudos científicos têm medo da ciência. Mas, para semelhantes propósitos pedagógicos, a precisão e a plausibilidade são essenciais.¹

¹ Djerassi, C., «Contemporary “Science-in-Theatre”: a rare genre», artigo adaptado e revisto de um saído em *Interdisciplinary Science Reviews*, Vol. 27, No. 3, 2002, pp. 193-201 (disponível em linha no endereço <http://djerassi.com/sciencetheatre.html> [consultado em 05/10/2011]).

As suas obras que pertencem a este seu “género” são: *Cantor’s Dilemma* (1989), *The Bourbaki Gambit* (1993), *Menachem’s Seed* (1996) e *NO* (1998).

Segundo Djerassi, terá sido após ter assistido a uma peça escrita por Stephen Poliakoff, *Blinded by the Sun*² (a propósito da controvérsia, em 1989, em torno da experiência dos químicos Fleischmann e Pons, que afirmavam ter conseguido produzir a fusão a frio), que decidiu escrever uma peça de teatro. Ficou deliciado com o primeiro acto da peça, mas desiludido com o segundo, pela incapacidade do dramaturgo em explicar convenientemente a Ciência ao público.³

O resultado foi a primeira peça daquilo a que chamou, na sequência do seu “science-in-fiction”, “science-in-theatre. Os objectivos por trás deste “género” de Djerassi são comuns aos do “science-in-fiction”. As únicas características que diferem são a forma em que Djerassi escreve, dramática, e não menos importante, o público a que se dirige. Nas suas palavras:

É essa porção do público – o leitor não científico ou mesmo anti-científico – que quero alcançar. Em vez de começar com o preâmbulo agressivo “deixa-me falar-te da minha ciência”, prefiro começar com o mais inocente “deixa-me contar-te uma história” e depois incorporar no conto ciência e cientistas fiéis à realidade. E se esse conto é apresentado em palco em vez de numa página impressa, estamos em presença de “science-in-theatre”.⁴

Há seis peças que o escritor inclui no grupo de obras “science-in-theatre”: *An Immaculate Misconception* (2000), *Oxygen* (2001) (escrita juntamente com Roald Hoffmann), *Calculus* (2003), *Phallacy* (2005), *Taboos* (2006) e a recente e ainda não publicada *Insufficiency* (2011). Em *An Immaculate Misconception* Djerassi aborda a questão da reprodução tecnicamente assistida. Durante a peça, que já foi apresentada em Portugal, em 2004, no Teatro da Trindade, sob o atraente título de *Esse espermatozóide é meu!*, o público pode assistir ao processo de inseminação artificial através do método ICSI (injecção intracitoplasmática de espermatozóides) que, como o nome indica, consiste na fertilização de um óvulo feminino através da injecção de um espermatozóide, que depois será reintroduzido no útero da futura mãe. O subtítulo da peça, *Sex in an age of mechanical reproduction*, que Djerassi esclarece ter adaptado do título do ensaio de Walter Benjamin, *Art in an age of mechanical reproduction*, sublinha uma das questões importantes, para Djerassi, no tratamento deste tema: a separação entre sexo e reprodução. Para o cientista, este método contraceptivo veio possibilitar o sexo sem

² Poliakoff, S., *Blinded by the Sun*, London, Methuen, 1996.

³ Veltman, C., «From Pill to Quill», in *American Theatre*, Jul.-Ago. 2002, p. 53.

⁴ Djerassi, C., «Sleeping Beauty or Kiss of Death?», comunicação apresentada na conferência *Theatres of Science: Crossovers and Confluences*, que teve lugar no País de Gales, na University of Glamorgan, em Setembro de 2004 (texto gentilmente cedido pelo autor).

reprodução. As novas técnicas de reprodução tecnicamente assistidas vêm possibilitar a reprodução sem sexo. É sua “previsão” que, no prazo de 30 a 50 anos, a reprodução do ser humano esteja completamente separada das relações sexuais.⁵ A peça já foi traduzida para 12 línguas e radiodifundida pela BBC World Service.

Em *Oxygen*, que Djerassi escreveu em conjunto com o Nobel da Química Roald Hoffmann, ele próprio também um cientista que se dedica à escrita, o tema abordado é o da descoberta do oxigénio. Situada em dois momentos temporais distintos, 1777 e 2001, a peça acompanha as reuniões do comité encarregue de seleccionar o “Retro-Nobel” da Química para descobertas anteriores à instituição do prémio Nobel, e simultaneamente, a disputa dos três cientistas que tiveram um papel importante na descoberta e divulgação do oxigénio: o inglês Joseph Priestley, o sueco Carl Scheele e o francês Antoine Lavoisier. Nesta peça Djerassi (com Hoffmann) introduz alguns assuntos que irá explorar de novo em *Calculus*: para além de este ser, igualmente, um assunto da história da ciência, debruça-se sobre o papel da mulher do cientista (como que a confirmar a máxima “por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher”), e aborda a questão da importância da prioridade nas descobertas e invenções científicas. Em *Oxygen*, o comité Nobel tenta decidir a quem atribuir o prémio pela descoberta do oxigénio: se àquele cientista que primeiro o produziu (Scheele), se àquele que primeiro anunciou a descoberta (Priestley), ou se àquele que primeiro compreendeu a dimensão da descoberta (Lavoisier). *Oxygen* também já foi levada a cena em Portugal, pelo Seiva Trupe, em 2006 e encontra-se traduzida em 17 línguas. Em *Calculus* a questão da disputa pela prioridade na invenção do cálculo matemático, entre Leibniz e Newton, é análoga.

Em *Phallacy*, através da disputa entre dois académicos, uma historiadora de arte e um químico, quanto à datação de uma obra de arte, Djerassi levanta questões relacionadas com a definição e valorização da Arte. A peça estreou em Outubro de 2011 pela Seiva Trupe, no Porto, e foi publicada pela Editora da Universidade do Porto.

Em *Taboo* Djerassi volta ao tema da inseminação artificial, reflectindo sobre o impacto dos avanços científicos na sociedade e as questões éticas que poderão colocar. Na peça um casal homossexual feminino decide ter filhos, um cada uma, e é criada uma situação, possível hoje em dia graças aos avanços científicos no campo da reprodução, em que nasce um par de gémeos cada um com quatro pais.

Finalmente em *Insufficiency*, a sua mais recente peça de “science-in-theatre”, Djerassi coloca o meio académico no banco dos réus. Desvenda o sistema de forças envolvido na progressão académica de um professor universitário, na validação do seu trabalho pelos seus pares, no financiamento da investigação científica, na relação entre investigação e

⁵ Wood, G. «Father of the Pill», in *The Observer*, 15/4/2007, disponível em linha no endereço <http://djerassi.com/observer2007/index.html> [consultado em 05/10/2011].

ensino, tudo isto encapsulado no mistério da morte súbita de dois académicos e numa investigação científica sobre bolhas de champanhe e espuma de cerveja.

Complementarmente ao trabalho como dramaturgo, Djerassi tem-se empenhado incansavelmente na divulgação das suas obras e a fazer com que atinjam o fim com que foram escritas, o palco. Para além de conseguir financiamento (junto de entidades da área científica) para a produção das suas obras, tem viajado pelo mundo para participar e assistir às suas apresentações e para participar em conferências e congressos relacionados com a união entre ciência e teatro. Este é um facto a destacar. Para além de ter criado a designação “science-in-theatre” para os seus textos (embora inclua nesta definição peças de outros autores), Djerassi tem reflectido sobre a abordagem da ciência pelo teatro (com particular ênfase no universo anglo-americano) e contribuído para a discussão em torno do novo subgénero dramático daí surgido.

Djerassi tem, com o “science-in-theatre”, uma intenção declaradamente pedagógica. Reconhece, no entanto, a importância de “disfarçar” a pedagogia ao longo do texto. Considera que a Ciência é potencialmente dramática e é isso que o leva a admitir a possibilidade da sua inclusão em teatro ser bem sucedida. Considera também que a sua posição de escritor-cientista é óptima para poder falar das questões do funcionamento do mundo da Ciência, ou, nas suas palavras, “Julgo que um membro do clã pode consegue descrever de modo mais apurado a cultura tribal e o comportamento idiossincrático dos cientistas.”⁶

A par da trilogia “science-in-theatre”, Djerassi estendeu a sua preocupação pedagógica ao local onde ela parece mais adequada, a sala de aula. Com esse objectivo escreveu dois “pedagogic wordplays”, textos em formato dialógico destinados a serem lidos em vez de decorados e com uma dimensão adequada à duração de uma aula. Os textos destinam-se a ser “interpretados” pelos próprios alunos, e são acompanhados por conteúdos audiovisuais destinados a apoiar o assunto científico abordado no texto. Os dois “jogos de palavras” escritos por Djerassi até ao momento são *ICSI – Sex in na Age of Mechanical Reproduction* (2002), que é como o título indicia, uma adaptação da sua peça *An Immaculate Misconception*, e *NO* (2003), escrito em conjunto com o químico Pierre Lazlo, cujo tema geral é a angariação de fundos para a investigação científica, neste caso particular para aplicações biológicas do óxido nítrico (NO) relacionadas com o mecanismo biológico da erecção do pénis.

Além das suas obra rotuladas de “science-in-theatre”, Carl Djerassi escreveu outras duas peças de teatro que considerava “não-científicas” por não obedecerem à sua definição

⁶ Djerassi, C., «Sleeping Beauty or Kiss of Death?», comunicação apresentada na conferência *Theatres of Science: Crossovers and Confluences*, que teve lugar no País de Gales, na University of Glamorgan, em Setembro de 2004 (texto gentilmente cedido pelo autor).

de “science-in-theatre”: *Ego* (2004) e *Foreplay* (2011). Escreveu também um “docudrama”, *Four Jews on Parnassus* (2006), um texto em formato dialógico que imagina um encontro entre quatro intelectuais marcantes do século XX: Arnold Schonberg, Gerschom Scholem, Theodor Adorno e Walter Benjamin.

Segundo afirmou, teve de comprometer a quantidade de ciência nas suas peças devido à relação inversa entre a quantidade de ciência numa peça e a probabilidade dessa peça vir a ser produzida.⁷ E a concretização das suas peças em palco era algo essencial para Djerassi. Segundo afirma Chloe Veltman, numa entrevista a Djerassi em 2002 para a revista *American Theatre*,

A vida de Djerassi – a sua ambição de sucesso enquanto cientista ao longo de décadas de investigação, prémios, graus honoríficos e viagens pelo mundo – é igualada pela sua vontade em tornar-se um dramaturgo amplamente representado. Com a idade já não muito suave de 78 anos, Djerassi está impaciente por fazer as coisas acontecerem.⁸

E cita Djerassi quando escreve: “Considero os tempos de espera no teatro particularmente frustrantes. (...) Não quero ter de esperar até aos 90 para ver as minhas peças representadas.”⁹

Carl Djerassi faleceu no dia 30 de Janeiro de 2015, com 91 anos, e visitou Coimbra pela primeira vez em Novembro de 2011 para assistir à estreia portuguesa da sua peça *Cálculo*, pela companhia de teatro marionet. Infelizmente não está já entre nós na altura da estreia portuguesa de *Ego*, mas a sua presença em palco, como no mundo, é indelével, e é ele o principal responsável pelo público português poder assistir a esta sua peça. Por isto e por tudo o mais, é com profunda admiração e reconhecimento que lhe dedicamos este nosso trabalho. Obrigado Carl!

⁷ Djerassi, C., *ibidem*.

⁸ Veltman, C., «From Pill to Quill», in *American Theatre*, Jul.-Ago. 2002.

⁹ Djerassi, C., *ibidem*.



Impresso em papel 100% reciclado

Estrutura financiada por: Apolos:



FUNDAÇÃO
BISSAYA BARRETC



TEATRO
DA CERCA
DE SÃO
BERNARD

Apoio à divulgação

